

**ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS**  
**- 6º CONGRESSO -**  
**UFRJ/ UFF - 09 a 13 de agosto**

**Viagem/ Viagens: a linguagem do 'quadrinho' no foco dos 500 anos de Brasil.**

Maria de Lourdes Netto Simões\*

Às portas do terceiro milênio, a comunicabilidade é requisito primeiro para todas as formas de expressão, de invenção de gêneros e formas, denunciadoras de singularidades culturais. Às vésperas dos 500 anos de Brasil, o tema tem suscitado uma profusão de olhares, onde o imaginário é expressado através de focos ideológicos localizados (colonizador/ colonizado) onde a reflexão sobre brasilidade se faz imperiosa. Somadas as duas razões, as atenções voltam-se para leitores jovens, com exigências próprias do seu tempo. Um tempo de reconfigurações, onde o limites de fronteiras são relativizados, tempo em que já não são rígidos os cânones, os códigos e os gêneros; onde a linguagem deve primar pela leveza, rapidez, visibilidade, exatidão e multiplicidade, bem como preconizou Italo Calvino, no seu livro *Seis Propostas para o Próximo Milênio* (1988).

Bem de acordo com esse contexto, recentes experiências recorrem a linguagens diversas - cinematográfica, musical, pictórica, ficcional, de quadrinhos -, construindo discursos próprios ou somando-se, complementando-se em reinterpretação dos textos fundadores da nação Brasil; dentre todos, notadamente a Carta de Pero Vaz de Caminha.

Nessas novas propostas, interessa a comunicabilidade dos textos e é fundamental a observação da ideologia que perpassa na fala dos personagens históricos, reconfigurados. São perspectivas que, resgatando a ambiência e a cultura da época, provocam a reflexão sobre fatos e perfis perpassados ao longo do tempo pela fala oficial.

Dessas mais recentes experiências, chama-me a atenção, sobretudo, a utilização da linguagem da história de quadrinho (ou banda desenhada) como forma de instigar os mais

jovens à discussão sobre a nossa cidadania, imperiosa nesse tempo, quando se faz a contagem regressiva dos 500 anos de Brasil.

Por que dentre tantas formas de discussão do tema escolher a linguagem do quadrinho? Que recursos essa linguagem apresenta, garantindo uma comunicabilidade e ao mesmo tempo uma reflexão aprofundada? Naturalmente que, como as outras linguagens, o quadrinho tem o seu discurso próprio e peculiar, que assegura a sua especificidade estrutural. Tais aspectos ressaltam a expressão leve e rápida, na coloquialidade dos diálogos. A *rapidez* textual, no fluir dos acontecimentos em desenrolar contínuo, em tempo sequenciado e sem delongas. A *visibilidade*, nos desenhos, onde para além da paisagem ambiente, das cores, percebe-se a consonância dos traços com o discurso dos diálogos, expressa no semblante e na expressão dos personagens. Nessas experiências, historiador e desenhista constroem juntos uma proposta intersemiótica. Se a transposição de um texto para o quadrinho significa assumir os códigos de outra linguagem, nesses trabalhos, construídos a partir de um texto anterior, a proposta ultrapassa transposições. São propostas de reconfigurações, já que pela re-visão imposta, os textos são relidos buscando uma redimensão do passado, tendo em conta a reflexão do presente. O que os quadrinhos propõem (e conseguem) não é mero trabalho ilustrado, mas um perfeito entrosamento de linguagens.

Desse novo recurso, trabalhos pontuais e inovadores têm destaque no Brasil e em Portugal; experiências que, se por um lado, enriquecem as expressões de Língua Portuguesa, por outro, agudizam as discussões sobre as questões identitárias dos povos de cultura lusófona.

Dentro do tema descobrimento do Brasil, no que se refere às experiências mais recentes de quadrinização, destaco o trabalho dos portugueses José Pires e Nuno Calado: *Pedro Alvares Cabral: Ventos de Glória, Marés de Infortúnio* (Lisboa: Terramar, 1998) e a publicação inovadora e original dos brasileiros Henrique Campos Simões e Reinaldo Gonzaga: *O Achamento do Brasil - A Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel* (Salvador: EGBa/ Editus, 1999).

Os trabalhos são ambos singulares e primam pelo rigor do traço. Tanto a edição de autoria portuguesa, como a de autoria brasileira têm as suas estruturas integradas por dois textos. Um principal, em quadrinho, é calcado no fato histórico descobrimento, relatado na Carta do escrivão Pero Vaz de Caminha; e um texto de referência.

A edição portuguesa foca toda viagem da esquadra de Cabral (ao Brasil e às Índias), e o texto de referência é acrescentador de informações históricas. A brasileira oportuniza a leitura da Carta, já que o texto integrante é a própria Carta em nova roupagem, em linguagem atualizada e com ícones que remetem aos quadrinhos. Além disso, para as notas explicativas, são utilizados recursos visuais (fios condutores do texto à nota, no lugar dos números remissivos). A estratégia das chamadas pelo desenho promove a interligação das linguagens (palavra e desenho) e dos dois textos (quadrinado e integral).

Para as considerações desta comunicação, volto a minha atenção na parte quadrinizada, onde o espaço da imagem é dividido com a palavra; a imagem em traços significantes e cores bem achadas; a palavra, apresentada em **balões**, para os diálogos diretos (contorno e apêndice contínuos) ou para expressar pensamentos (contorno reto e apêndice em bolhas); ou em forma de pergaminho (filactérios), abertos pelo brasão de Caminha, para o relato do escrivão, através de fragmentos da Carta. Somados a esses recursos visuais, textos que primam pela expressividade (interjectivos, interrogativos, reticentes) contribuem para a *leveza* da palavra. A harmonia das linguagens assegura o entrosamento entre historiador e desenhista, quando o desenho traduz uma intenção expressa na palavra; intenção de espanto, surpresa, indignação ou, até mesmo, de cobiça velada.

As vinhetas, enquanto unidades básicas do quadrinho, são dispostas em seqüência temporal crescente, formando tiras de imagens, separadas por colunatas geralmente brancas. Muitas vezes somente a linguagem do desenho ocupa a vinheta, dispensando palavras. Exemplo disso, são as imagens de ações espetaculares ou as vinhetas que pontuam uma seqüência temporal. Falam pela expressão do desenho, pelo *visibilidade*, onde os traços dizem ao leitor indicações do narrador (passar do tempo) ou intenções do

personagem. Construídas em crescendo, atentando para a disposição das sequências, o final de cada página cria o suspense da página seguinte até o desfecho..

Além desses recursos, é de se notar que, enquanto a HQ portuguesa privilegia os **balões** imprimido *rapidez* à leitura, a brasileira enfatiza os fragmentos da Carta, aliando à *rapidez* própria do quadrinho, a *exatidão* de um planejamento estrutural. Na edição brasileira, o propósito (explicitado pelos autores na nota introdutória) de fazer o jovem ter contato com o texto histórico de maneira leve e instigante, é evidenciado pela estratégia da recorrência à Carta, através de fragmentos expressivamente selecionados, que também garantem a sequenciação das ações. Tal estratégia é fundamental para garantir a leitura posterior 'casada' do texto integral com o quadrinizado. Tais estratégias garantem ainda a *leveza* desses textos de colorido bem dosado e apresentação bonita e cuidada. Para o resultado visual bem conseguido em ambas as edições, é imprescindível enfatizar a importância da **cor**, favorecida pela tecnologia, que garante o colorido cuidadosamente dosado pelo computador.

Fica evidente em ambos os textos a pesquisa histórica que assegura a verossimilhança em relação à época quinhentista, onde o leitor pode visualizar, por exemplo, os trajes dos personagens portugueses, as pinturas no corpo dos indígenas, as embarcações, cuidadosamente desenhados.

A propósito da época em relação à ambiência, o **cenário** e o **corte** são de fundamental importância na observação da estrutura desses textos em questão. O cenário, construído a partir das descrições do texto histórico (a referida Carta de Caminha), apresenta aos olhos do leitor a pujança da terra, sua vegetação e águas. A beleza do mar que quebra à praia, fazem o cenário, onde a paisagem humana é povoada por portugueses e índios. O desenvolvimento da história é visualizado a cada cena narrativa. As vinhetas, além do desenho, trazem as descrições contidas nos balões. Por tal processo de construção seletiva, fica insinuado ao leitor o ponto de vista autoral, seja através do personagem histórico (português ou índio), seja do escrivão-narrador. O ritmo narrativo, garantidor da

*leveza* e da *rapidez* do texto, pode ser percebido no número de vinhetas que formam cada sequência e é indicador do cuidadoso planejamento do **corte**.

Dessa forma, a cenografia narrativa é evidenciada na interação das linguagens e no resultado do trabalho: contar uma boa história com bons desenhos. Tudo isso pode ser resumido na concepção de Christian Godard sobre quadrinho, quando diz que "você não têm idéia do número de truques que é preciso fazer: imaginar, construir, ritmar, cortar, dialogar, inventar uma linguagem - o desenho - que seja ao mesmo tempo original, direta e manejável; dirigir os atores; compor enquadramentos; colocar falas; trabalhar com a cor; harmonizar a página; se renovar... E se divertir com tudo isso para divertir os outros" (Cahiers de la BD, n. 29).

Nas concepções em causa, além do código pictórico (a arte da composição, o uso da cor) e do código cinematográfico (planos e enquadramentos), é recurso destacado o código ideogramático (convenções gráficas). No trabalho dos portugueses, ressaltam algumas expressões fisionômicas, como exemplo, a expressão do rosto de Cabral, inundado de gotinhas, indicadoras de febre (Pires e Calado: 1998, 37). Em *O Achamento do Brasil*, de Simões e Gonzaga, o código ideogramático, observado na utilização do brasão de Caminha (para abrir a sua fala), ou no relato em forma de pergaminho, é singularmente rico de significação histórica.

Por fim, o código ideológico reflete as culturas branca e indígena, sinalizadas pelos historiadores das HQ em questão, e asseguradas pela arte dos respectivos desenhistas. Os códigos ideológicos, morais e gestuais refletem as respectivas culturas e transparecem no comportamento de portugueses e indígenas e no ambiente gráfico. Mas são óticas diferenciadas: a do colonizador e a do colonizado. Português e Brasileiro.

O trabalho de Pires e Calado, distanciando do português de 1500, a par do orgulho luso pelos feitos heróicos, por suas conquistas, busca evidenciar os hábitos religiosos, os costumes da época. Ressaltar portugueses bons e, outros, cobiçosos a serviço da coroa. Descreve um Cabral bom e solidário. Um rei ambicioso. Na voz de Cabral a certeza: "-

O ouro, a prata, as especiarias? Não te iludas, Vaz de Caminha, El-Rei não nos mandou nesta viagem por curiosidade, mas sim por interesse. O reino precisa de riqueza". E por conta da ambição, muitos desmandos ocorrem. Criticamente admitem os portugueses que, afinal, somente a vontade divina fez com que não ficassem no Brasil somente degredados. Entre o passado e o presente, na fala de Cabral, procura assegurar que os primeiros colonizadores, formadores da raça brasileira, foram homens livres: "Quisemos deixar aqui dois criminosos, mas Deus quis equilibrar as coisas: afinal os primeiros colonizadores destas terras serão homens livres. Seja feita a Sua vontade!" (Pires e Callado: 1998, 9) . Contrapondo a ambição do Rei à solidariedade de Cabral, os autores de *Pedro Alvares Cabral - Ventos de Glória, Marés de Infortúnio* admitem a cobiça da conquista (pelo poder constituído), mas ressaltam a boa índole do seu povo.

Por sua vez os autores de *O Achamento do Brasil*, buscando uma reflexão sobre a brasilidade, procuram ler a 'certidão de batismo do Brasil' com o fim de provocar a discussão sobre a nossa cidadania. A seleção dos fragmentos da Carta, que o historiador criteriosamente faz, procura ressaltar, como foi dito, os trechos denotadores da ideologia do branco e indicadores da cultura do índio. O foco dos brasileiros resalta os aspectos sinalizadores da perplexidade do branco conquistador com a beleza e riqueza da terra nova: "As águas são muitas e infindas. E de tal maneira a terra é graciosa que, querendo a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem" (p.26); e com a inocência do gentio: "Nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Eram belos, fortes" (p.13). Aborda a cobiça do colonizador: "...o colar de ouro do Capitão-mor e o castiçal de prata. Apontou para eles e para terra. Tomamos nós o gesto daquele homem no sentido de que, na terra, havia daquelas riquezas" (p.16); o desrespeito à cultura "Comiam conosco do que lhe dávamos. Uns bebiam vinho e não; mas parece-me que, se nós os acostuarmos, beberão de boa vontade" (27); a imposição religiosa. Da cultura indígena, destaca a postura e atitudes pacíficas dos índios expressas nos desenhos de vinhetas que dispensam a palavra; nos fragmentos selecionados da Carta: "...eles colocaram os arcos e as setas no chão. Não tínhamos o que temer" (p.18); e nos diálogos criados: - vejo que não há o que temer. Os da terra parecem ter boa índole" p.20.

Os recursos referidos têm, assim, dupla comunicabilidade: num nível de leitura, colocam o leitor em contato com o fato histórico, em foco de discussão lusófona. Num segundo nível, pela seleção dos fragmentos, provocam a reflexão crítica. Por esses expedientes, esses textos instigam à leitura não somente por sua apresentação em quadrinho, mas pelo planejamento narrativo, do qual resulta um discurso rápido e significativo das questões fundamentais dos nossos primórdios.

Se a História traz em si a **aventura**, e essa é elemento inerente da HQ, as recentes experiências referidas primam por terem sabido aliar as informações históricas a uma narração instigante, onde é evidente a intenção autoral da discussão e reflexão ideológica. Então, para além dos recursos do quadrinho, mas ainda aí utilizando-se deles, a ideologia que subjaz, garante a reflexão crítica e a discussão sobre cidadania. Tais experiências se, por um lado, enriquecem as expressões de língua portuguesa, por outro, agudizam as discussões sobre as questões identitárias dos povos de cultura lusófona.

Ilhéus - Bahia, em julho de 1999

- Doutora em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa.  
Professora Titular de Literatura Portuguesa na Universidade Estadual de Santa Cruz  
Ilhéus - Bahia - Brasil  
[htsimoes@hotmail.com](mailto:htsimoes@hotmail.com)